

O CONTO DE FADAS: do clássico ao contemporâneo

Elaboração e coordenação:
Rebeca Gelse Rodrigues

Joãozinho e Mariazinha -texto retirado do livro COMO É FÁCIL- PORTUGUÊS, de Correia & Galhardi, Editora Scipione,1990- 3ª série,

Joãozinho e Mariazinha saíram escondidos de casa e foram brincar na floresta. Perderam-se e já no meio da noite foram encontrados pela bruxa Tetéia.

Tetéia prendeu as crianças em uma gaiola. Todos os dias ela lhes dava muita comida e doces para engordarem depressa.

Joãozinho e Mariazinha foram engordando, engordando.....

Um dia, Tetéia pôs água no caldeirão, acendeu o fogo e falou:

-É! Hoje vou ter crianças no caldeirão.

Tetéia deu uma enorme gargalhada, abriu a porta da gaiola e.....

-Platibum! Croc! Plá!

Joãozinho e Mariazinha empurraram a bruxa para dentro do caldeirão. Montaram na vassoura dela e foram embora para casa.

Dizem que, algum tempo depois, uma outra bruxa andou mexendo com uma menina que mora com os sete anõezinhos. Será que é verdade?

.....

O menino mais bonito do mundo. Ziraldo

Era uma vez uma noite que não acabava mais.

E era uma vez um menino que ainda dormia quando a manhã finalmente nasceu.

Um sopro tocou e seu rosto – era a Brisa da Manhã – e ele acordou. Aí, abriu os olhos, devagarinho..... e a luz tomou todo o lugar da escuridão. Era o Sol. E o Sol olhava para ele direto nos olhos e dizia bem alto:

- Como você é bonito, menino!

O menino abriu os braços e fez “Ahhhhh! se espreguiçando. Sentou-se na grama olhou em volta e descobriu – entre ele e o Sol – os galhos de uma árvore. E ouviu o que a árvore lhe dizia:

- Menino, como você é bonito!

Ele sorriu e olhou para além da árvore. Lá longe viu as montanhas e o mar. E, rolando seu ronco lá no horizonte como se fosse um trovão, as montanhas lhe diziam:

- Que bonito varão!

Havia flores em volta da árvore e elas descobriram que o menino olhava para elas com encanto e alegria. E olharam para ele e, por sua vez, cada uma falou:

- Que coisa! Que graça! Que amor! Que menino bonito!

E a água do mar batendo nas pedras e batendo de novo repetia para ele:

- Que menino bonito!

As vozes do Sol, das montanhas e do mar, da árvore e das flores e todas as coisas que ele descobriu naquela manhã não eram ouvidas, de verdade, pois coisas não falam. Vai ver era a própria voz do menino que a tudo que via, dizia:

- Que bonito!

E o primeiro dia de tantas descobertas terminou numa noite com lua e estrelas. O menino acabava de ver as coisas pela primeira vez. E achou que era bom.

Outras noites e outras estrelas vieram. O tempo passou e cada manhã ensinou para ele que era bom ver as coisas, todas as vezes, como se fosse a primeira vez.

O menino tornou-se homem.

Um homem que havia aprendido esta lição. E agora, quando ele acordava, esfregava seus olhos, abria seus braços, devagarinho.... e a luz tomava mais uma vez o lugar da escuridão. E era o Sol que lhe abria seu sorriso e dizia mais uma vez a frase que ele gostava tanto de ouvir:

- Como você é bonito!

O homem sorria e sentava-se à sombra da mesma árvore para ouvir sua voz e se encher de alegria.

E ele ouvia a voz das montanhas – das mesmas montanhas – falando, de novo, com seu vozeirão, lá longe lá longe.....

E o eco da água batendo nas pedras tornando a bater falava com ele e falava de novo na língua do mar.

E as flores, também, estavam todas ali, no seu despertar.

E, no fim de cada dia era tudo em sua volta – o seu paraíso – dizendo para ele:

- Como você é bonito!

E o homem se enchia de felicidade.

Mas teve um dia que tudo virou tristeza.

Era outono. E, no outono, a luz que termina os dias desenha sombras nas sombras.

O homem ficou parecido com a tarde: seu peito, de repente, era um lugar feito exatamente para se colocar uma coisa que faz muita falta e a gente nem sabe o que é.

Quando a noite chegou ele nem se lembrou de ouvir a voz da lua e das estrelas.

E foi dormir em silêncio.

Mas uma manhã nasceu.

E ele acordou sentindo mais uma coisa que ainda não tinha sentido antes:

uma dor(muito de leve) um pouco abaixo do peito (uma dor assim como aquela que a gente sente quando corre muito e se cansa).

Ele nem teve tempo de prestar atenção na dor que sentia pois antes mesmo de se espreguiçar abriu os olhos e descobriu ali, na sua frente, a visão mais bonita de toda a sua vida: mais bonita do que o Sol, mais bonita do que o mar do que a árvore as montanhas e as flores do que todas as coisas ao seu redor. Ele não disse nada. Ficou ali: olhando. E foi, então, que ouviu o som mais bonito do mundo. O som de uma voz que dizia para ele a frase que ele sempre escutou e sempre entendeu. E a voz lhe dizia, como numa canção:

- Como você é bonito, Adão!

.....
Joãozinho e Mariazinha(versão Irmãos Grimm)

legenda: Joãozinho= J. Mariazinha=M.

Perto de uma grande floresta, vivia um pobre lenhador com sua 2ª esposa e o seus dois filhos; o menino chamava-se J.e a menina, M. O homem tinha pouca coisa para mastigar, e certa vez, quando houve grande fome no país, ele não conseguia nem mesmo ganhar para o pão de cada dia. E quando ele estava, certa noite, pensando e se revirando na cama de tanta preocupação, suspirou e disse à mulher:

- O que será de nós? Como poderemos alimentar nossos pobres filhos, se não temos mais nada nem para nós mesmos?

- Sabes de uma coisa, - respondeu a mulher,- amanhã bem cedo levaremos as crianças para a floresta, onde o mato é mais espesso. Lá acenderemos uma fogueira e as deixaremos sozinhas. Elas não vão achar mais o caminho de volta para casa, e estaremos livres delas.

- Não, mulher, - disse o marido- eu não farei isso; como poderei forçar meu coração a deixar meus filhos abandonados na floresta? As feras selvagens viriam logo esstraçalhá-los.

- És um tolo.- disse ela,- então teremos de morrer de fome, os quatro; já podes procurar as tábuas para os nossos caixões. - E não lhe deu sossego até que ele concordou.

- Mas eu tenho dó das pobres crianças. - disse o marido.

As duas crianças, que também não conseguiram dormir por causa da fome, ouviram tudo o que a madrasta dissera ao seu pai. M. chorou lágrimas amargas e disse a J.:

- Agora estamos perdidos!

-Sossega, M.,- disse J.;- não te preocupes. Eu vou encontrar um jeito de nos salvarmos.

E quando os velhos adormeceram, ele se levantou, vestiu o casaquinho, abriu a porta e se esgueirou para fora. A lua brilhava bem clara, e as pedrinhas brancas na frente da casa brilhavam como moedas de prata. J. abaixou-se e encheu os bolsos com aquelas pedrinhas, quantas cabiam. Então ele voltou depressa para a casa e disse a M.:

- Consola-te, irmãzinha querida, e dorme tranquila, Deus não vai nos abandonar,- e voltou a deitar-se na cama.

Quando começou a amanhecer, antes do sol nascer, a mulher já foi entrando e acordando as crianças:

- Acordai, seus preguiçosos; nós vamos para a floresta buscar lenha, e ela deu a cada uma um pedacinho de pão e disse: - Isto é para o vosso almoço, mas não comais antes, porque depois não ganhareis mais nada.

M. pôs o pão debaixo do avental, porque os bolsos de J. estavam cheios de pedrinhas. Então puseram-se todos a caminho da floresta. Quando já tinham andado um pouco, J. parou e olhou para trás, para a casa, e fez isso outra vez, e outra vez. O pai falou:

- J., o que ficas olhando ali e te atrasando? Presta atenção e anda para a frente!

- Ora, pai,- falou J.,- estou olhando para meu gatinho branco que está sentado no telhado e quer me dar adeus.

A mulher falou:

- Bobo, não é o gatinho; é o sol da manhã que brilha na chaminé.

Mas J. não olhava o gatinho, e sim jogava cada vez uma pedrinha brilhante do bolso para o caminho.

Quando eles chegaram no meio da floresta, o pai falou:

- Agora juntai lenha, crianças, eu quero acender uma fogueira, para que não sintais frio.

J. e M. trouxeram gravetos, um montinho deles. Os gavetos foram acesos e, quando a chama já ardia bem alta, a mulher disse:

- Agora, deitai-vos junto ao fogo, crianças, e descansai, enquanto nós entramos na floresta e procuramos lenha. Quando terminarmos, voltaremos para buscar-vos.

J. e M. ficaram sentados junto ao fogo e, quando chegou o meio-dia, cada um comeu o seu pedaço de pão. E como estavam ouvindo os golpes do machado, pensaram que o pai

estava perto. Mas não era o machado, era um galho que o pai amarrara a uma árvore seca, que o vento fazia bater de um lado para outro. Ficaram lá sentados muito tempo, até que seus olhos se fecharam de cansaço e ambos adormeceram profundamente. E quando acordaram, já era noite fechada.

M. começou a chorar e disse:

- Como é que vamos sair da floresta agora?

Mas J. a consolou: - Espera um pouquinho, até que apareça a lua, então nós acharemos o caminho.

E quando surgiu a lua cheia, J. tomou a irmãzinha pela mão e seguiu as pedrinhas brancas que brilhavam como moedas de prata recém-cunhadas, e mostravam o caminho às crianças. Caminharam a noite inteira e chegaram de madrugada à casa de seu pai. Bateram na porta e, quando a mulher abriu e viu que eram J. e M., foi logo dizendo:

- Ó crianças más, por que ficastes tanto tempo dormindo na floresta? Nós pensamos que não querieis voltar mais para casa. Mas o pai ficou contente, porque lhe doera o coração ter deixado as crianças assim sozinhas e abandonadas.

Pouco depois, houve novamente miséria por toda parte, e as crianças ouviram a madrasta falando ao pai, de noite, na cama:

- Já consumimos tudo de novo; temos ainda meio filão de pão, depois será o fim de tudo. Temos de nos livrar das crianças; vamos levá-las para mais fundo na floresta, para que não encontrem mais o caminho de volta. Não há outra salvação para nós.

Isto era doloroso para o coração do homem, e ele pensou; "Melhor seria repartir o último bocado com as crianças". Mas a mulher não queria ouvir nada do que ele dizia, ralhou com ele e repreendeu-o. Quem diz "A" tem de dizer "B" e, já que ele cedera da primeira vez, tinha de fazê-lo também agora.

Mas as crianças ainda estavam acordadas e escutaram a conversa. Quando os velhos adormeceram, J. se levantou, como da outra vez, mas a mulher trancara a porta e ele não conseguiu sair. Mas ele consolou a irmãzinha e disse:

- Não chores, M., e dorme tranquila; o bom Deus vai nos ajudar. De manhã cedo a mulher veio e tirou as crianças da cama. Elas receberam o seu pedacinho de pão, que era ainda menor que o anterior. No caminho da floresta, J. esfarelou-se dentro do bolso, parou diversas vezes e jogou no chão uma migalha atrás da outra.

- J., por que ficas parado e olhando para trás? - perguntou o pai. - Vai andando em frente.

- Estou olhando para a minha pombinha, que está pousada no telhado e quer me dar adeus, - respondeu J.

- Bobo, - resmungou a mulher, - não é pombinha nenhuma, é o sol da manhã brilhando na chaminé.

Mas J. ia jogando migalha após migalha pelo caminho.

A mulher levou as crianças ainda mais fundo na floresta, onde elas nunca estiveram antes em toda a vida. Lá fizeram novamente uma grande fogueira, e a madrasta falou:

- Ficai sentadas aqui, crianças, e quando estiverdes cansadas, podeis dormir um pouco; nós vamos para dentro do mato cortar lenha e, à tardinha, quando terminarmos, viremos buscá-los.

Quando foi meio-dia, M. repartiu o seu pão com J., que espalhou o seu pelo caminho. Então eles adormeceram, e anoiteceu, mas ninguém veio buscar as pobres crianças. Elas acordaram quando já era noite fechada, e J. consolou a irmãzinha e disse:

- Espere só, M., até que apareça a lua; aí poderemos ver as migalhas de pão que eu fui espalhando, e elas nos mostrarão o caminho de volta para casa.

Quando a lua surgiu, eles prepararam-se para ir: mas não encontraram nem uma só migalha, porque os milhares de pássaros que voaram na floresta e no campo as viscaram todas. J. disse a M:

- Nós vamos encontrar o caminho!

Mas eles não o encontraram. Caminharam a noite inteira e mais um dia, de manhã até a noite, mas não conseguiram sair da floresta. E estavam com muita fome, pois não tinham comido nada a não ser umas poucas bagas que acharam no chão. E como estavam tão cansados que as pernas não os carregavam mais, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Agora já era o terceiro dia desde que eles saíram da casa do pai. Recomeçaram a caminhada, mas só se aprofundavam cada vez mais da floresta, e se não lhes viesse ajuda logo, morreriam de fome. Quando foi meio-dia, eles viram um lindo passarinho branco como a neve pousando num ramo, cantando tão bem que eles para escutá-lo. E quando ele terminou, bateu asas e saiu soando na frente deles, e eles o seguiram, até que ele chegou a uma casinha, sobre cujo telhado pousou. E quando eles chegaram bem perto, viram que a casinha era feita de pão e coberta de bolo, e as janelas eram de açúcar transparente.

- Agora vamos avançar nela, - disse J.,- e fazer uma refeição abençoada. Quero comer um pedaço do telhado! M., tu podes comer um pedaço da janela, ela é doce.

J. estendeu a mão para o alto e arrancou um pedacinho do telhado, para provar seu gosto, e M. ficou perto da vidraça, para mordiscá-la.

Mas aí eles ouviram uma voz fina gritando de dentro da casa:

“Roque, roque, roidinha,
Quem roeu minha casinha?”

As crianças responderam:

“Não foi ela, não fui eu,
Foi o vento que roeu”.

E continuaram a comer, sem se deixarem perturbar. J., que gostou muito do sabor do telhado, arrancou um bom pedaço dele, e M. soltou uma vidraça redonda inteira, sentou-se e ficou comendo.

De repente, a porta se abriu e apareceu, arrastando os pés, uma mulher muito, muito velha, apoiada numa muleta. J. e M. ficaram tão assustados, que deixaram cair o que tinham nas mãos. Mas a velha balançou a cabeça e disse:

- Ei, lindas crianças, quem vos trouxe aqui? Entrai, ficai comigo que não vos farei mal.

Ela tomou os dois pela mão e levou-os para dentro da casinha. E serviu-lhes boa comida, leite com panquecas e açúcar, maçãs e nozes. Depois arrumou-lhes duas boas caminhas com alvos lençóis, e J. e M. deitaram-se nelas, pensando que estavam no céu.

Mas a velha só se fingira de boazinha, pois era uma bruxa malvada, que tocava crianças, e só construía aquela casinha de pão para atraí-las. Quando uma criança caía em seu poder, ela a matava, cozinhava e comia, e era para ela um dia de festa. As bruxas têm olhos vermelhos e não enxergam muito longe, mas possuem um faro fino como os

animais e percebem quando há gente se aproximando, Quando J. e M. estavam chegando, ela riu um riso mau e disse zombateira:

-Estes eu já peguei, não me escaparão mais.

De manhã cedinho, antes que as crianças acordassem, ela se levantou e, quando as viu dormindo tão bonitas, com suas bochechas redondas e coradas, resmungou consigo mesma:

“este aqui será um bom bocado!” Então, ela agarrou J. com a sua mão ossuda, levou-o para um curralzinho e trancou-o atrás de uma porta gradeada: ele podia gritar à vontade, que não lhe adiantaria nada.

- Aí, ela foi até a M, acordou-a com uma sacudidela e gritou:

- Acorda, preguiçosa, vai buscar água e cozinha alguma coisa boa para o teu irmão, que está lá no curral e precisa engordar. Quando ele estiver bem gordo, eu vou comê-lo.

M. começou a chorar amargamente, mas era tudo em vão, ela tinha de fazer o que a bruxa malvada mandava.

Agora o pobre J. era alimentado com a melhor comida, enquanto M. só ganhava cascas de caranguejo. Todas as manhãs a velha ia até o curralzinho e dizia:

- J., mostra-me teus dedos, para eu sentir se já estás gordinho.

Mas J. lhe passava pela grade um ossinho de frango, e a velha, que tinha vista fraca, não podia vê-lo e pensava que era um dedo do J, e se admirava porque

ele não queira engordar. Quando se passaram quatro semanas e J. continuava magro, ela perdeu a paciência e não quis esperar mais.

- Aqui, M.! - gritou ela para a menina; - anda ligeiro e traz a água! O J. pode estar gordo ou magro, não importa; amanhã eu vou matá-lo e cozinhá-lo.

Ai, como se lamentava a pobre irmãzinha, obrigada a carregar a água, e como lhe escorriam as lágrimas pelas faces abaixo!

- Meu bom Deus, ajuda-nos! - exclamou ela, - antes as feras selvagens nos tivessem devorado na floresta, pelo menos teríamos morrido juntos!

- Poupa-me esta choradeira,- disse a velha; - não vai te adiantar nada.

De manhã cedo, M. teve de sair para pendurar o caldeirão com a água e acender o fogo.

- Primeiro vamos assar o pão,- disse a velha, - eu já esquentei o forno e sovei a massa.

E ela empurrou a pobre M. para fora, para o forno de assar, do qual já escapavam as chamas do fogo.

- Enfia-te lá dentro,- ordenou a bruxa,- e vê se o fogo já está bem quente para que possamos empurrar o pão para dentro.

Assim que M. estava dentro, ela quis fechar o forno para que M. lá ficasse assada, porque ela queria devorá-la também.

Mas M. percebeu o que a bruxa tinha em mente e disse:

- Não sei como fazer isso- como é que eu posso entrar lá?

- Menina burra,- disse a velha,- a abertura é grande o bastante; olha, eu mesma posso passar por ela,- e ela chegou pertinho e enfiou a cabeça no forno.

Então M. deu-lhe um empurrão tão forte que ela caiu lá dentro inteira, e a menina bateu a portinhola de ferro e puxou o ferrolho.

“Uuu”! a velha começou a uivar horrivelmente, mas M. saiu correndo e a bruxa perversa teve de perecer queimada.

M. correu direto para o J., abriu o seu curralzinho e gritou:

- J., estamos livres, a bruxa velha está morta!

Então J. saltou fora como um passarinho libertado da gaiola. Como eles ficaram felizes, como se abraçaram e pularam e se beijaram! E como não precisavam mais ter medo, eles entraram na casa da bruxa. E lá estavam, em todos os cantos, caixinhas cheias de pérolas e pedras preciosas.

- Estas são ainda melhores que as pedrinhas brancas,- disse J., e encheu os bolsos com quanto cabia neles, e M. disse:

-Eu também quero levar alguma coisa para casa,- e encheu o seu aventalzinho.

-Mas agora vamos embora,- disse J.- para que possamos sair desta floresta enfeitada.

Depois que eles caminharam algumas horas, chegaram a um grande lago.

- Não podemos passar,- disse J; - não vejo prancha nem ponte.

- E também não há barquinho nenhum,- respondeu M.- mas lá está um pato branco nadando; se eu lhe pedir, ele nos ajudará. E ela gritou:

- Patinho, patinho, aqui estão M. e J. Não vemos nem prancha, nem ponte, leva-nos no teu alvo dorso!

O patinho aproximou-se logo, J. montou nele e pediu que a irmãzinha montasse junto.

-Não,- disse M.- assim será pesado demais para o patinho; ele levará um de cada vez.

Foi o que fez o bom patinho e, quando os dois já estavam seguros do outro lado, caminharam um pouco mais adiante, e o mato começou a parecer- lhes mais conhecido. E finalmente eles avistaram de longe a casa de seu pai.

Então eles puseram-se a correr, precipitaram-se para dentro de casa e caíram nos braços do pai.

O homem não tivera nem um momento de paz, desde que deixara os filhos na floresta, mas a mulher já morrera.

M. sacudiu seu aventalzinho e as pérolas e pedras preciosas saíram pulando pelo chão, e J. tirava dos bolsos um punhado atrás do outro e as juntava àquelas.

Então, todas as tristezas tiveram fim, e eles viveram juntos e felizes.

.....
Inventário do Lobo Mau

De Fátima Miguez

O Lobo não disfarça
seu apetite devorador.

Agora é uma menina
Que do Lobo se aproxima.
O encontro é na floresta
e tudo parece uma festa.

Não há festa sem comer...
Os maus têm boa conversa
e a menina se dispersa,

outro caminho atravessa.

Que menina será essa?
É de um conto antigo à beça....
Chapeuzinho vermelho, ora essa.
Mas vamos ao que interessa.....

A avó lhe deu de presente
a capinha cor de sangue,
que a menina veste e sente
um apelo diferente.

Quando a paixão aquece,
o dever se esquece.
No meio da floresta,
o prazer se manifesta.

Chapeuzinho dá saltos, piruetas,
Voa em asas de borboletas.
Colhe rosas, flores, violetas,
quer a casa da avó enfeitar.....

Mas o Lobo já chegou lá,
não dá mais pra escapar.
A avó espera a neta
na barriga do Lobo a roncar.....

A menina agora é caça
do Lobo devorador
e pela goela passa,
amortecendo a dor.....

Lobo, de goela cheia,
não morde,
pega no sono
e não há quem o acorde.

Mas um caçador acode,
chega perto e vê que pode
a barriga do Lobo cortar
e a vida da duas salvar.....

gato escaldado
de água fria tem medo...
a menina cedo, cedo,

aprendeu que lobo não é brinquedo.

A carne do Lobo é indigesta,
Não serve, não presta.....
Mas, com vinho e bolo,
tudo termina em festa.

O mal é bem conhecido,
quando do bem é inimigo....
Faça, leitor, do bem um amigo
para que o mal seja vencido!

.....
Seu Lobo Sergio Caparelli

Seu Lobo, por que esses olhos tão grandes?
Pra te ver, Chapeuzinho.
Seu Lobo, pra que essas pernas tão grandes?
Pra correr atrás de ti, Chapeuzinho.
Seu Lobo, por que esses braços tão fortes?
Pra te pegar, Chapeuzinho.
Seu Lobo, pra que essas patas tão grandes?
Pra te apertar, Chapeuzinho.
Se Lobo, por que esse nariz tão grande?
Pra te cheirar, Chapeuzinho.
Seu Lobo, por que essa boca tão grande?
Ah, deixa de ser enjoada, Chapeuzinho!

.....
O Lobo Michel Piquemal

Lobo mau perdeu a hora
Chegou na estação agora
O trem está indo embora
E junto vai seu jantar
Que, de cabeça pra fora,
Mostra a língua, quer zoar
O lobo mau quase chora.....

Chapeuzinho Amarelo -Chico Buarque

Página 1

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha.

Página 2

Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo de sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar,
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
Deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.

Página 3

ERA A CHAPEUZINHO AMARELO.

Página 4

E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha

numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.

Página 5

Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cadá vez mais medo
do medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Um LOBO que não existia.

Página 6

E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.

Página 7

Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.

Página 8

O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo,
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pêlo.
Lobo pelado.

.....
Página 9

O lobo ficou chateado.

.....
Página 10

E ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar
de outra coisa.
Ele então gritou bem forte
aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:

.....
Página 11

LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO

.....
Página 12

Aí,
Chapeuzinho encheu e disse:
“Pára assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!”
E o lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO.
Era um BO-LO

Um bolo de lobo fofo,
tremendo que nem pudim,
com medo de Chapeuzim.
Com medo de ser comido
com vela e tudo, inteirim.
LOBOLOBO

.....
Página 13

Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva
nem foge de carrapato.
Caí, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepa em árvore, rouba fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.

.....
Página 14

Mesmo quando está sozinha,
Inventa uma brincadeira.
E transforma com companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

FIM

Página 15

Ah. Outros companheiros da Chapeuzinho
Amarelo: O Gãodra, O Jacoru, o Barão-Tu, o P
Bichôpa e todos os trosmons.

O patinho feio- e a história era assim.....

Era verão quando nasceu o Patinho Feio. Surgiu de dentro de um ovo tão grande que todos pensaram tratar-se de um ovo de peru que por acaso caíra num ninho de pata.

— Que pato mais feio! — ouvia ele quando sua mãe o levava pelo quintal. As outras aves riam, caçoavam de seu tamanho e tentavam bicá-lo.

O Patinho Feio sentia-se tão infeliz e malquisto que resolveu fugir. Atravessou os campos e encontrou alguns patos selvagens.

— Como você é feio! — disseram-lhe também.

Mas aceitaram sua companhia, contanto que ele jamais se casasse com uma pata selvagem. O Patinho Feio não queria se casar. Desejava apenas um lugar para ficar. Decidiu partir novamente, aceitando um convite dos gansos que o chamaram para voar.

— Você é feio demais! — comentaram os gansos. — Você é tão feio que acabamos gostando do seu jeito.

Mas, antes que o Patinho Feio alçasse vôo, seus novos amigos foram mortos por caçadores e ele se viu só mais uma vez.

No final do outono, o Patinho Feio foi parar na casa de uma camponesa. E de novo foi obrigado a partir. A camponesa desejava uma pata que botasse

ovos e não um patinho desengonçado como ele.

Durante o frio do inverno, o Patinho Feio, solitário e desamparado, quase morreu, mas foi salvo por um camponês e sua família. Só que aquele também não se tornaria o seu lar, porque os filhos do camponês nunca paravam de atormentá-lo.

Quando chegou a primavera, cansado e triste, o Patinho Feio avistou as aves mais lindas que já encontrara na vida. Eram cisnes que nadavam num rio.

Aproximou-se e, pela primeira vez, olhou para as águas e viu seu reflexo. Descobriu que era um cisne como eles. Por um instante lembrou-se do tempo em que era maltratado e perseguido. Depois, moveu as asas que brilhavam sob o sol e, também pela primeira vez, sentiu-se feliz.

O patinho bonito – Marcelo Coelho

Era uma vez um pato chamado Milton. Sei que Milton não é nome de pato. Mas esse se chamava assim, e você vai logo saber por quê. Quando ele nasceu, todos tiveram a maior surpresa. Aliás, não foi quando ele nasceu. Foi quando viram o ovo dele, quer dizer, o ovo que depois seria ele.

Não era um ovo de pato comum. Era meio azulado e brilhante, quase como um ovo de Páscoa. Mas ovos de Páscoa são embrulhados. Esse ovo não era; a casca é que era meio azul. Os pais de Milton, quando viram o ovo no ninho, foram logo perguntando:

- Mas o que é que esse ovo está fazendo aí?
- Isso não é ovo de pato.
- Acho que é ovo de galinha.
- Não seja bobo! Galinhas botam ovos brancos!

— Brancos nada! Já vi que são meio amarelos, meio beges. Se ovos de galinha podem ser amarelos, por que é que não podem também ser azuis?

— Bom, então pode ser que seja um ovo de pato. Vai ver que também existem ovos de pato que são azuis.

E acharam melhor esperar para ver o que acontecia.

Um dia, a casca azulada do ovo começou a se quebrar e de lá saiu um lindo patinho. Era azul? Não, não era. Era um patinho normal. Só que muito mais bonito do que os outros, e os patos sabiam disso. Acharam o patinho tão bonito que resolveram logo uma coisa. Não era justo dar para ele um nome qualquer. Ele era diferente. Era mais bonito. Como é que poderia ter um nome comum, como “Quem-Quem”?

— Esse nome é para patos comuns — disse a mãe dele.

— Então, vamos chamá-lo de Quá-Quá — disse a madrinha dele.

— Esse também é para patos comuns, sua boba! — respondeu a mãe. — Eu quero que ele se chame Milton.

Ela gostava do nome Milton. Todos acharam meio estranho, mas acabaram concordando que um patinho tão bonito merecia um nome especial.

O tempo foi passando, e Milton era o patinho mais bonito da escola. Todos olhavam para ele e diziam: “Como ele é bonito!”. Ele se olhava no espelho e dizia: “Como eu sou bonito!”. E ficava pensando: “Sou tão bonito que talvez eu nem seja um pato de verdade. Tenho até um nome diferente. Meu ovo era azul. Eu me chamo Milton. Quem sabe eu sou gente?”.

E Milton começou a ficar meio besta. Diziam: “Milton, vem nadar!”. Ele respondia: “Eu não. Pensam que sou pato como vocês?”. Todos os outros patos começaram a achar o Milton meio chato. Ele foi ficando sozinho. E dizia: “Não faz mal. Sou mais bonito. Vou terminar na televisão. Vou ser o maior galã”.

Uma noite Milton resolveu fugir de casa. Foi até a cidade para tentar entrar na televisão. Quando chegou na porta da estação de TV, foi logo dizendo: “Eu me chamo Milton. Além de bonito, acho que tenho muito talento artístico”. Ele falava difícil. Queria dizer que tinha jeito para ser ator de novela. Juntou gente em volta.

— Ih, não enche — disse alguém. — Todo dia alguém arranja uma fantasia de bicho e vem aqui procurar lugar na televisão.

— Mas você não vê que eu não estou fantasiado? — perguntou Milton. — Se eu estivesse usando uma roupa de pato, se eu fosse uma pessoa com roupa de pato, eu seria da sua altura. Mas eu sou baixinho como um pato! Como um pato de verdade!

— Então como é que você sabe falar?

— Mas os patos falam! — disse Milton, quase chorando.

— Não vem com essa, ô malandro — disse um guarda que estava ali perto. — Para mim você é um pato mecânico. Deve ser uma espécie de robô com um computador na cabeça!

E o guarda foi logo agarrando o Milton para arrancar a cabeça dele e ver o que tinha dentro.

— Me larga! Me larga! — gritava Milton. — Eu sou um pato! Um pato de verdade! Sou um PATO! Um PATOOO...

De repente Milton teve um estremeção. Abriu os olhos e viu que estava em casa. Ele tinha sonhado. Olhou para seus pais, ainda meio assustado, e disse:

— Eu sou um pato... eu sou um pato...

E seus pais disseram:

— Puxa, ainda bem que você se convenceu disso!

— É verdade, já estava na hora de você achar que era um pato mesmo!

— E todo mundo estava cheio dessa sua história de achar que não era um pato, que era diferente...

Milton ouviu tudo aquilo e ficou pensando: “Puxa, ainda bem que eu sou um pato, um patinho como todos os outros! Ainda bem!”.

E daí em diante não havia pato mais contente, que tivesse mais vontade de nadar na lagoa, do que o Milton. De vez em quando ele ainda dizia: “Sou um pato! Um pato mesmo!”. E dava um suspiro de alívio.